



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)

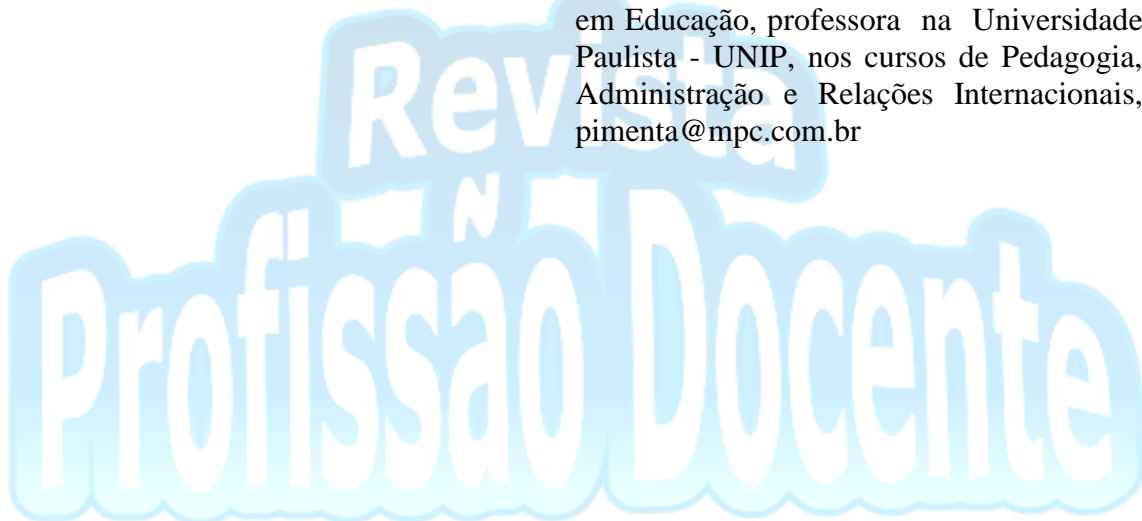


**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

**A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E O ENSINO SUPERIOR: QUESTÕES  
SOBRE O PLANEJAMENTO, A PRÁTICA EDUCATIVA E A AVALIAÇÃO**

**THE SOCIETY OF KNOWLEDGE AND THE HIGHER: QUESTIONS ABOUT  
THE CLASS PLANNING, THE EDUCATIONAL PRACTICE AND THE  
EVALUATION OF KNOWLEDGE**

Maria Alzira de Almeida Pimenta - Doutora  
em Educação, professora na Universidade  
Paulista - UNIP, nos cursos de Pedagogia,  
Administração e Relações Internacionais,  
[pimenta@mpc.com.br](mailto:pimenta@mpc.com.br)





Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir e propor questões sobre como as mudanças trazidas pelo que se tem denominado sociedade do conhecimento tem impactado a prática educativa. Essas mudanças alteram as formas de viver, de se comportar e de se comunicar. As instituições de ensino precisam, portanto, marcar uma posição em relação a elas e repensar seu papel. O planejamento, a prática educativa e a avaliação foram escolhidos como balizadores para conduzir a reflexão. As questões, aqui delineadas, longe de um caráter determinístico, pretendem servir para iniciar várias discussões.

**Palavras-chave:** Sociedade do Conhecimento, Prática Educativa, Planejamento, Avaliação

## ABSTRACT

The objective of this article is to consider and to install questions on changes brought on the education practice, for what has been called 'society of knowledge'. These changes modify the forms of experiencing life, behaving and communicating. Therefore, educational institutions need to establish a position in this new paradigm and rethink its roles. We have chosen class planning, education practice and evaluation of knowledge as makers to lead the reflection. The questions delineated here, far from having an ending character, serve to initiate some quarrels.

**Key words:** Society of Knowledge, Educational Practice, Class Planning, Evaluation of knowledge.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## INTRODUÇÃO

Na década de 80, Drucker (1993) preconizava que o sistema de ensino, necessariamente, passaria por uma grande transformação, uma vez que **o conhecimento mostrava uma tendência a tornar-se o verdadeiro capital e o principal gerador de riquezas**. Esse fato exigiria uma nova concepção de ensino, de método e até mesmo de conhecimento. Assim, algumas disciplinas tradicionais poderiam desaparecer dos currículos, ou se transformarem, cedendo lugar a novas disciplinas, que surgiriam em função do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Nessa sociedade instruída, todos seus membros deveriam ser alfabetizados. E a alfabetização compreenderia, além da capacidade de ler, escrever e efetuar as quatro operações, noções elementares sobre o uso das novas tecnologias.

Delineava-se, assim, uma nova concepção de conhecimento, não mais somente como conjunto estático de informações, mas como processo dinâmico e direcionado de aquisição de informações e, posteriormente, de análise. A construção do conhecimento passa a ter um sentido que é definido pelo contexto de sua produção. Mas como essa transformação em relação ao conhecimento repercute no Brasil<sup>1</sup>?

Cortella (1999, p.10) fez uma ampla análise da realidade educacional brasileira, com sua propagandeada e indiscutível crise, assim definida: "É um projeto deliberado de exclusão e dominação social que precisa ser derrotado, para não ficarmos permanentemente aprisionados no maniqueísmo mercantil ou na disfarçada delinquência estatal.". A origem dessa crise pode ser atribuída à adoção do modelo econômico que elegeu como prioridade a produção industrial, a partir de 1964. Dentre

---

<sup>1</sup> Atualmente, sem saber usar, por exemplo, um caixa eletrônico, uma pessoa tende a ficar praticamente marginalizada, com dificuldades para exercer sua cidadania.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

as implicações dessa escolha, a urbanização acelerada de alguns centros (São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente), sem investimentos proporcionais na área de educação e de saúde, tem sido determinante no caos social que vivenciamos .

Aceitas a definição e a origem da crise, convém refletir sobre como intervir e o que fazer. Há um consenso em torno da importância da educação, enquanto construtora de cidadania e determinante na promoção de condições para a inclusão social. Políticos, autoridades, empresários são unânimes ao defender a necessidade de se levar educação a todas as classes sociais. Diante de tal unanimidade surgem as questões: Qual conhecimento deve ser aprendido (conteúdo)? E como aprender (método)? Responder a essas questões não determinaria, em grande parte, a qualidade da educação e a efetiva democratização do saber?

Cortella (1999) partindo da premissa de que não há **conhecimento** sem o humano, obviedade que muitas vezes parece esquecida ou desprezada visto as terríveis condições em que vivem muitos humanos, retomou a importância da **cultura** - que produzimos e que nos produz. Ela, como resultado da ação transformadora do homem sobre a natureza através do trabalho, confunde-se com o conhecimento e os valores vigentes. A importância da cultura reside no fato de, enquanto construção coletiva, atuar como balizadora da existência humana. Deve ser entendida em um sentido amplo: cultura ocidental, contemporânea, brasileira, mas também em uma dimensão mais específica: cultura do grupo (instituição) na qual se processa o conhecimento. Considerando-se dessa maneira fica difícil acreditar e defender a neutralidade e a despolitização dos processos educativos. O que se percebe é que as escolhas ou o que se acaba por fazer na sala de aula têm conseqüências sempre, e fundamentais. Desde a forma que os alunos são tratados, até a maneira como são motivados a tratar o conhecimento.



## O CONHECIMENTO COMO DESCOBERTA

A escola teve sua origem, na Grécia Antiga, dissociada da prática produtiva, pois era fruto do ócio (tempo livre) e riqueza da aristocracia. Sendo assim, a vivência e os conhecimentos adquiridos na escola / ócio, serviam, preponderantemente, ao domínio da arte de falar e argumentar bem. E esta, por sua vez, era um fator decisivo nas assembléias e nos debates políticos definindo, naquela época, com quem ficava o poder. Desde então, o ensino e a construção do conhecimento vinha sendo dissociados da prática produtiva (CORTELLA, 1999). Como consequência, o conhecimento passou a ser tratado como verdade a ser "descoberta", e não como fruto do embate humano com seus desafios concretos: seja alimentar-se e se proteger do frio e da chuva, ou entender e explicar a origem dos relâmpagos.

Mais recentemente, a universidade, antes criticada por se distanciar da realidade e dos problemas da sociedade, assumiu uma postura de aproximação prestando assessoria a prefeituras e fazendo parcerias com empresas. Essa nova atitude não tem impedido críticas dos que alegam que essa abertura deve-se a uma “rendição” a lógica do mercado, implicando em uma descaracterização do real papel da universidade.

Romano (1998) faz uma retrospectiva das fases marcantes da universidade e das idéias sobre conhecimento, ciência, relação com a sociedade e o Estado etc.. Tece interessantes observações, dentre as quais, a de que os pensadores renascentistas e seus sucessores nos séculos XVII e XVIII, tentavam eliminar o ensino acadêmico, iniciando pela negação do jargão, a linguagem dos iniciados, que tanto serve ao isolamento das diversas áreas. Romano (1998, p.15) suscita uma importante questão quando afirma: “As universidades atuais enfrentam o risco de se tornarem empresas vinculadas diretamente ao mercado.” Nesta condição, ocorreria uma limitação no pensamento acadêmico,

reduzindo-o ao estatuto de supermercado disciplinar, onde os clientes (Estado, Igrejas, empresa, alunos) compram e





Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

encomendam o que lhes dará ganho imediato, sem considerações maiores pela sociedade dominante, a qual esmaga os excluídos dos happy few, os que não podem pagar por mercadorias exclusivíssimas. Mesmo escolas públicas tornaram-se cada vez mais celeiros de ricos, tendendo a diminuir ainda mais o número de privilegiados. (ROMANO, 1998, p.15)

Colocada a questão Romano(1998, p. 42), situa o que deveria ser o papel da universidade: “(...) servir como produtoras de uma consciência nacional coletiva e democrática, gerando saberes relevantes para a independência da população, o que vale dizer, para a soberania nacional.”

Por outro lado, Marcovitch (1998) contrapõe aos que proclamam a idéia de crise na universidade, dados de produtividade científica apresentados no relatório do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), que indicam um significativo aumento das publicações brasileiras indexadas, entre 1980 e 1993. Assim, o aumento da produtividade desqualificaria uma contingência de crise, pois esta seria inibidora da produção acadêmica. Continuando sua avaliação da atuação da universidade, Marcovitch (1998) aborda três aspectos fundamentais:

- Corporativismo – que dificulta uma avaliação e melhoria do trabalho dos professores;
- Definição de objetivos comuns entre a sociedade e a universidade – procurando minimizar o distanciamento entre as duas;
- Avaliação institucional – que integraria os dois aspectos anteriores, possibilitando que a universidade servisse a comunidade, para tanto, a avaliação docente teria um papel central;



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Como é possível observar, a reflexão de Romano (1998) que vai à origem da universidade buscando o que seriam seus fins, atribui a esta um papel de condutora da consciência e da soberania nacional. Já Marcovitch (1998) discute aspectos contemporâneos e práticos também relacionados ao papel da universidade. Apesar de opiniões diversas sobre a crise, ambos contribuem para se pensar formas da universidade contribuir para a construção de um país mais justo do ponto de vista social, econômico e cultural.

Posto que o conhecimento é uma das mais significativas referências da sociedade contemporânea, sua construção e domínio são essenciais para geração de riqueza e, conseqüentemente, sua ausência tende a gerar miséria. Como decorrência, o que acontece na sala de aula adquire uma relevância, às vezes, pouco considerada por professores e alunos. O que nela se realiza, não só no curso superior, mas desde a Educação Infantil - é fundamental valorizar todos os graus de ensino - repercute na construção da consciência e da soberania nacional.

Em relação ao ensino superior, que mantém uma proximidade maior (ou mais visível) com a produção de conhecimento, ocorre uma intensa discussão sobre como deve se conduzir frente às mudanças na conjuntura social. Sem dúvida, a abertura para a aproximação com a sociedade e para uma discussão do que considerar em sua avaliação são pertinentes. Sendo assim, cabe refletir sobre como essas e outras idéias influenciam o planejamento, a prática e a avaliação, estes últimos completamente imbricados.

## **O PLANEJAMENTO**

Em um editorial instigante, Oliveira (2004) apresenta dados significativos a respeito da formação de professores de física. Segundo ele, dados oficiais do MEC apontam um *déficit* de 50 000 professores de física, no Ensino Médio, em todo o país. O autor atribui essa situação aos equívocos acumulados na política educacional, dentre eles: valorização profissional, estímulo à formação continuada, padrão salarial digno,



diminuição da carga didática excessiva sem prejuízo dos rendimentos. Também há crítica com relação ao ensino de física universitário, pois este não tem conseguido formar satisfatoriamente físicos e professores. Segundo Oliveira (2004), a formação inadequada deve-se ao fato de, nos concursos para docência superior, avaliar-se apenas pela pesquisa científica produzida. Sem desconsiderar a importância desse quesito, o autor ressalta que se deveria avaliar o conhecimento das bases conceituais da Física do professor universitário.

As informações e considerações de Oliveira (2004) remetem aos equívocos da política educacional que acabou gerando uma situação preocupante para o funcionamento do sistema de ensino. O *déficit* de professores previsto para os próximos anos, não é só na Física, mas também na Matemática. Cabe aqui, retomar a questão da cultura do povo. É bastante comum, nos ambientes escolares, quando uma criança manifesta gosto e interesse pelas disciplinas consideradas mais “difíceis”, que se atribua apelidos e tratamento pejorativo (p.ex., *nerd* e outros bastante indelicados e agressivos). É como se o país e o brasileiro não tivessem vocação para o que mais elaborado intelectualmente. Nossa vocação é para o futebol e o Carnaval. Neste sentido que o planejamento da política educacional e mesmo do conteúdo e das abordagens na sala de aula deveria considerar esse traço cultural de nosso povo.

Além da questão cultural, dois outros aspectos poderiam ser considerados em relação ao planejamento. O primeiro diz respeito à flexibilização dos currículos. Santos (1998) adverte que a forte rigidez de muitos currículos, que se mantêm restritos aos conteúdos específicos dos cursos, desconsidera as complexidades do mundo da formação e da educação. O segundo aspecto trata da relação entre a educação e o mundo do trabalho. Com uma abordagem contemporânea sobre essa relação, Arroyo (1991) defende a idéia que se avançou muito no Brasil na produção de bens e por isso melhorou a formação de seres humanos. Para o autor: “O trabalho moderno vem



constituindo trabalhadores novos em consciência, com novo saber, nova capacidade de entender-se e de entender a realidade, as leis e a lógica que governa a natureza e a sociedade.” (ARROYO,1991, p.163). Por isso, a teoria e a prática educativa não poderiam ficar alheias aos processos educativos que passam pela produção material da existência humana.

A escola continua sendo uma das instituições privilegiadas, onde é possível construir um referencial crítico com os alunos. Esse referencial crítico: capacidade de analisar, avaliar e prever — que também contribui para qualificação profissional, deve servir para o questionamento dos papéis das várias instituições sociais, inclusive da escola e da empresa. Dessa forma, seria possível fortalecer a sociedade civil, e esta assumiria uma condição mais ativa.

Arroyo (1991) apresenta as visões em que tem sido pensada a relação entre trabalho e educação. A primeira é o *pessimismo culturalista*, essa visão defende que as tradicionais formas de relação homem – natureza na produção familiar e no trabalho autônomo seriam mais educativas do que as novas formas de trabalho fabril. A preocupação da escola, dentro dessa visão, seria com a forma de preparar os jovens para resistirem aos “estragos” educativos e culturais trazidos pelas novas formas de trabalho. Há, portanto, uma defesa das velhas formas de produção e de relações sociais.

A segunda visão é o *determinismo tecnológico*, para qual os avanços tecnológicos seriam uma invenção malévola, imposta sobre os seres humanos que os impele e domina sob o jugo do trabalho moderno. Este, por sua vez, ameaçaria o espaço de afirmação do ser humano abstrato, imanente. O que se destaca nessa visão é a concepção essencialista do ser humano presente na teoria tradicional da educação. Para se contrapor a essa visão, Arroyo ressalta que “O trabalho não é princípio educativo por princípio ou qualquer a priori. Como também as novas tecnologias não são deseducativas por princípio, ou a priori.” (ARROYO,1991, p.168).



Entendemos que há uma contradição presente no pensamento educacional: por um lado, não se podem negar as conseqüências positivas de várias mudanças trazidas pelo avanço científico-tecnológico; por outro lado, teme-se que elas levem a conseqüências morais, sociais e culturais deseducativas. Essa contradição parece ter impedido que a escola atualize seus métodos, estratégias e cultura em combinação com as mudanças sócio-culturais – marcadas pelos avanços tecnológicos. Poderíamos dizer que a escola tem uma atitude introspectiva, voltada para si mesma, que a leva a repetir modelos, dificultando que crie seus próprios e mais adequados. O que consideramos importante é que os educadores repensem as implicações que a atitude introspectiva geram a luz das mudanças sócio-culturais.

## **A PRÁTICA EDUCATIVA**

Nesta parte, consideramos relevante refletir sobre a prática educativa considerando: a) o espaço conquistado pela mídia na dinâmica social; b) a valorização do trabalho coletivo como uma estratégia de superação de conflitos e da automatização da prática; e c) a mitificação da ciência.

### *a) Mídia, sociedade e sala de aula*

Bentes (1998) chama atenção para a importância da cultura midiática na sociedade contemporânea. Ela forma uma base comum que atravessa classes sociais gerando novos condicionamentos e formas de percepção e conhecimento. Ao mesmo tempo em que forma, informa e deforma utilizando-se da linguagem audiovisual. É a mídia também responsável pelo excesso de informações descontextualizadas e fragmentadas que dificilmente se concatenam e articulam com sentido. Diante disso, seria necessário ensinar a ler as imagens, criticamente. Entretanto, em todos os graus de ensino, observa-se ainda uma resistência à incorporação e ao domínio da mídia. Bentes (1998, p.107) formula uma questão sobre esse tema que, se respondida talvez explicasse a resistência: Como nos integrar ao fluxo e a velocidade da informação, sem nos



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

desintegrarmos, sem criar uma escola ou universidade que seja simplesmente um decalque da mídia sem a mesma eficiência ou poder de sedução?

Junte-se a essa questão a percepção, de quem é professor, da expectativa dos alunos em relação a sua performance. Seu corpo, voz e presença devem prender o interesse de pessoas que cada vez têm menos capacidade de concentração e de memória. Espetáculo? Diversão? O que se espera da prática do professor?

A articulação da mídia com a dimensão cultural, econômica e política da sociedade tem sido bastante discutida. Moura (1984) descreveu como os filmes produzidos em Hollywood serviram para difundir o *american way of life* com seus padrões de valores, comportamento e consumo, perpetuando um colonialismo cultural do Brasil em relação aos Estados Unidos da América. Acrescido a isso, hoje, para boa parte da população, as novelas e programas da televisão determinam o que vestir, como falar, como se comportar etc..

Em relação a economia, sabe-se que dependendo da forma como uma empresa é mostrada nos meios de comunicação massa (MCM's), isso vai ser muito importante para seu sucesso ou fracasso nas vendas. Analogamente, a forma que um país é mostrado também influi consideravelmente no grau de confiabilidade que seu povo ou o mundo terá em relação a ele.

Já quanto à política, Coelho (1989) ressaltou a articulação ideológica entre o Estado e os MCMs, explicando assim a forte relação entre os que detêm as concessões de rádio e televisão e os que dominam o cenário político, no Brasil. Entretanto, cabe ressaltar que a utilização política dos MCM's é um fenômeno mundial. Recentemente, foi possível acompanhar a maneira como eles serviram para desviar a atenção dos problemas internos nos EUA (escândalo Mônica Levinsky que ameaçou o presidente de



impeachment) para os problemas também internos de outro país, a ponto de legitimar seu bombardeamento<sup>2</sup>.

Consideramos que a leitura crítica da mídia deve ser incorporada a prática educativa dos vários graus de ensino. Com a mesma visão, Tardy (1976) afirma que o potencial da linguagem audiovisual utilizada pelo cinema e pela televisão deveria servir para criar condições para que se repensasse a prática educativa. A pedagogia deveria passar por uma transformação, integrando os produtos da cultura de massa, sem deformá-los. A renovação da pedagogia, que vem sendo tentada inutilmente, por nossos precursores poderia acontecer a partir do contato com o cinema e a televisão. Gutierrez (1978) também compartilha da mesma visão sobre a necessidade da escola sair de sua clausura e interagir com os meios de comunicação.

*b) Valorização do trabalho coletivo*

Perrenoud (1993) faz uma abordagem pertinente do trabalho coletivo. Ele considerou que o professor está em constante formação. A partir disso, elabora uma hipótese sobre a forma que o professor decide **o que e como** ensinar na sala de aula. A maneira como essas decisões são tomadas determinam a qualidade da prática pedagógica no cotidiano escolar.

Em sua hipótese, chama atenção para a necessidade e a tentativa de se conferir consciência e racionalidade à prática pedagógica (mais até do que realmente possui, segundo o autor). Sem estas últimas, o trabalho docente perderia sua legitimidade, junto aos pais e a opinião pública, desencadeando uma série de problemas<sup>3</sup> que poderiam inviabilizar a própria existência da escola. Perrenoud (1993, p. 21) ressalta que:

---

<sup>2</sup> O filme “Mera Coincidência” (Wag the Dog, de Barry Levinson, 1998) antecipou, na ficção, o que acabou acontecendo, na vida real.

<sup>3</sup> Principalmente, relacionados à imagem. A instituição escolar detém a imagem de ser o lugar onde se “sabe” o que faz, onde se tem controle das situações através da razão.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Uma boa parte dos actos de ensino não estão, deixaram de estar ou nunca estiveram sob o controlo da razão e da escolha deliberada."(sic) e o que agiria no lugar da racionalidade é o *habitus*: "...sistema de esquemas de percepção e de acção que não está total e constantemente sob o controlo da consciência.

Assim, durante a rotina de trabalho do professor, observa-se uma repetição de situações que tendem a gerar um automatismo nas respostas. Já nas situações que escapam à rotina, **a improvisação faz-se necessária, e para orientá-la entra em ação o *habitus***. É ele que orienta também a ação planificada, a criação de estratégias e até as decisões.

Em seguida, assinala que para ocorrer a transposição didática - conjunto de transformações que possibilitam que os saberes sejam ensináveis, é imprescindível a gestão da sala de aula. Nela, os saberes são transformados em atividades, envolvendo problemas, interrogações, projetos, etc.. E, na maioria das vezes, observa-se uma artificialidade nessa transposição — as interrogações, problemas e projetos propostos pelos professores não são voltados para a realidade do aluno.

Será que um dos fatores que levaria a artificialidade na transposição didática (também analisado pelo autor) não seria a desconsideração do grupo como condição primordial de vivência humana. É a partir do grupo que os indivíduos aprendem as linguagens e os comportamentos, e incorporam os valores que determinam suas atitudes. Mas é também no grupo que dificuldades, conflitos e dissabores aparecem e/ou ganham densidade. Aliado a esse fato, faz parte do senso comum uma tendência a se atribuir aos conflitos um carácter negativo devendo, por isso, ser evitado.





Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

O conflito, em geral, é tomado como um sinal de que algo não vai bem, ao invés de um sinal de que há chance de melhorar. Em função da dificuldade de aceitá-lo como natural na convivência humana, pouco se faz para desenvolver habilidades para se lidar com ele, tais como: compreensão (de sua origem), análise (dos interesses e emoções envolvidos), escolha (do melhor encaminhamento), etc.. Sem essas habilidades que poderiam fazer do conflito uma experiência positiva, ele tende a virar briga, rompimento — deixando de ser possibilidade de encontro e crescimento. Outra maneira de se lidar com o conflito é associá-lo à irracionalidade. Assim, para se opor a essa associação instituindo uma imagem de racionalidade — e não a racionalidade de fato, entendida aqui como reflexão constante — os indivíduos adotam um comportamento atomizado, na família, no trabalho e também no ambiente escolar. Neste último, ao se trabalhar isoladamente, onde autonomia é confundida com independência, o *habitus* acaba por se instaurar, pois sem o coletivo, não há confronto e a racionalidade deixa de ser necessária. O trabalho isolado, independente, sustenta, portanto, a expectativa de se evitar conflitos, e sem estes se considera possível aperfeiçoar e controlar os processos educacionais (PIMENTA, 2002).

A tendência preponderante ao isolamento deve ser questionada. Para tanto, Perrenoud (1993) chamou a atenção para o valor da heterogeneidade como característica inerente a qualquer agrupamento humano, e com ela a diversidade de maneiras de ser, de aprender, de se relacionar com outros etc.. Partindo dessa premissa, é possível reiterar a importância do trabalho em equipe uma vez que ele possibilita o confronto e a integração entre diferentes.

### *c) a mitificação da ciência*

Na atualidade, segundo Cortella (1999), o tipo de ensino ministrado nos estabelecimentos de ensino contribui para a mitificação da ciência e dos cientistas — como mundo e seres fantásticos, respectivamente. Isto acontece quando não se situa as



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

reais condições de produção do conhecimento. Essa mitificação atinge vários campos do conhecimento, desde a matemática e a física, até a história e a geografia. Ela interfere na compreensão de conceitos e fatos, mas mais ainda determina um distanciamento entre o aluno/aprendiz e o conhecimento, respaldado pelo senso comum de que ciência é coisa para "gênios".

Frei Betto apresenta sua visão holística dos fenômenos analisando<sup>4</sup> o novo paradigma da ciência baseado no princípio de indeterminação ou da incerteza<sup>5</sup>, de Heisenberg e o princípio da complementaridade, de Niels Bohr. É essa visão holística que vai amparar a defesa da capacidade do indivíduo de ter ideais e utopias, sendo sujeito da história e não somente uma peça de engrenagem dominado por leis do mercado implacáveis. Sobre a subjetividade, argumenta que sua reintrodução no âmbito da ciência altera entraves emocionais apoiados em raízes históricas antigas. Raízes históricas marcadas por dicotomias: dominantes vs dominados, bons vs maus, ricos vs pobres etc.. Dicotomias que com o resgate da subjetividade se vêm ameaçadas.

Outro desdobramento da mitificação da ciência tende a dissociar o ensino e a construção do conhecimento da prática produtiva. Além de ser coisa para "gênios", a ciência não teria origem no fazer, na prática. Consideramos que essa visão pode estar relacionada ao tipo de *cultura organizacional* observada nas escolas. A prática

---

<sup>4</sup> Retirado de *Em Busca das Veredas Perdidas*, texto publicado na Folha de S. Paulo, em 02/06/1996, caderno *Mais* – resumo feito pelo autor de seu livro **A Obra do Artista – Uma Visão Holística do Universo**.

<sup>5</sup> Para saber mais: O princípio de indeterminação ou da incerteza, de Heisenberg é um dos pilares da Transdisciplinaridade, que se inicia com Basarab Nicolescu apoiado na Física Quântica, há aproximadamente 30 anos. Para mais detalhes ver A Carta da Transdisciplinaridade, elaborada durante o Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal, 1994).



produtiva, o mundo do trabalho, tem presença marcante e significativa na realidade.<sup>6</sup> Distanciar-se da prática produtiva implica em distanciar-se da própria realidade. Nesta condição, como formar o aluno para viver o seu tempo e criticamente – condição essa essencial para produção de ciência?

Freitas (1991) observa que a cultura organizacional passou a ser um “discurso forte”, sendo tema de pesquisa e publicações acadêmicas, a partir dos anos 80. Esse interesse tem sido justificado pelos pesquisadores de várias maneiras. No âmbito da Teoria das Organizações, a justificativa seria a necessidade de uma abordagem mais humana e holística. A abordagem de Deal & Kennedy (1982), apud Freitas (1991) baseia-se na necessidade de enfatizar valores e construir uma dimensão simbólica nas organizações em função da insegurança gerada com as constantes mudanças da atualidade. Ressaltamos também que Freitas (1991, p. VIII) considera a cultura organizacional como: “...um poderoso mecanismo que visa conformar condutas, homogeneizar maneiras de pensar e viver a organização, introjetar uma imagem positiva da mesma onde todos são iguais, escamoteando as diferenças e anulando a reflexão.”

### **A AVALIAÇÃO**

Nesta parte, a avaliação é abordada sob dois aspectos. O primeiro envolve a avaliação do sistema de ensino superior através dos exames. O segundo trata da avaliação no interior do sistema, na sala de aula, onde se instaura uma prática que antes se caracterizava como exceção: a fraude, popularmente conhecida como “cola”.

#### *A avaliação do sistema de ensino superior*

---

<sup>6</sup> Atualmente, a prática produtiva é, com mais intensidade, mediada pelas empresas. Elas estão em todos os bens de uso e consumo, nos serviços. Com a falta de tempo que caracteriza a vida moderna, desde a comida, a roupa, até a limpeza do jardim costumam ser feitas por empresas.



A partir da segunda metade da década de 1990, evidenciou-se uma preocupação com a qualidade dos resultados do ensino superior. Os órgãos internacionais de financiamento chamaram atenção para a relação entre educação e desenvolvimento econômico. Com a expansão do ensino superior no Brasil, foi implantado um sistema de avaliação externa cuja base era a universalização do padrão de qualidade e na concorrência entre os estabelecimentos de ensino. Nesse contexto, foi criado o Exame Nacional de Cursos, instituído pela lei no. 9.131, de 24 de Novembro de 1995, conhecido como “provão”. O que chama atenção é o fato do foco da avaliação ter se deslocado da instituição para o desempenho dos alunos. Provavelmente, por isso a UNE iniciou uma crítica ao Exame, mas que logo foi esvaziada. Com o passar do tempo, de acordo com Cunha (2006, p.261), a divulgação “...dos resultados do ‘provão’ fez com que as instituições de ensino superior, os cursos, os professores e os alunos se mobilizassem no sentido de desencadear medidas que garantissem um desempenho positivo no ‘provão’.”

Cunha (2006) defende ainda que a mudança da política de avaliação institucional implantada a partir da lei no. 10.861, de 14 de Abril de 2004, que criou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) recupera as idéias centrais da articulação, integração e da participação, apontando para uma visão plural de qualidade.

A autora formula uma questão crucial para a educação: Essa política avaliativa será capaz de provocar nos docentes uma cultura experiencial que avance na perspectiva da necessária ruptura das práticas de ensinar e aprender?

#### *A avaliação no interior do sistema*

Cortella (1999) observa que a *avaliação* muitas vezes é tratada, na escola, como *auditoria*. Por isso, ao invés de servir para reorientar o processo de ensino-aprendizagem, a avaliação usada como auditoria, localiza erros e pune os envolvidos — sempre os alunos. Enfatiza, ainda: "A tarefa da escola não é facilitar a aprovação, mas



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

sim dificultar a reprovação inútil e inepta, que é aquela que acontece por responsabilidade nossa, em função de como nosso trabalho se organiza.” (CORTELLA, 1999, p. 143). O que é possível observar é que o professor não percebe que a avaliação reflete o seu próprio trabalho. Assim, é comum criar instrumentos de avaliação que não são condizentes com seus objetivos, porque ele próprio não tem clareza dos objetivos, ou seja, não tem clareza da formulação de seu planejamento. Por outro lado, os alunos engendram formas de lidar com suas dificuldades de aprendizagem – uma delas, a “cola”.

A “cola” (fraude em avaliações) tem se tornado uma prática cada vez mais corriqueira nas escolas e universidades (ECKSTEIN, 2003). Antes, existia mais como exceção, atualmente, vem assumindo a condição de regra. A “cola” pode ser observada em suas várias manifestações. Pode ser o papelzinho que acompanha o estudante na hora da avaliação, servindo-lhe de fonte de consulta. Contém o que deveria ter sido aprendido e não foi, ou se tem insegurança de que tenha sido. Configura-se como cola também quando um aluno passa a resposta de uma questão para outro, ou da uma olhada para prova do colega etc..

O fenômeno se repete, mas será que não é um reflexo da qualidade da educação? Não seria resposta ao fato dos alunos estarem expostos a um ensino que não exige o desenvolvimento de sua capacidade de pensar, se expressar e criticar? No ensino superior, quais as condições de acompanhamento da aprendizagem do aluno por parte do professor? Qual tipo de avaliação seria mais adequada? As provas objetivas, que desobrigam o desenvolvimento da habilidade de escrever? As provas orais, que perderam espaço na prática educativa? O que é feito para promover a valorização do conhecimento?

A política educacional dos últimos quinze anos possibilitou a ampliação das vagas no ensino superior, permitindo o acesso de milhares de jovens ao curso superior. Eles





Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

trazem consigo uma formação com qualidade bastante questionada. Entretanto, o currículo das universidades é mantido, exigindo pré-requisitos que os alunos não dominam. O descompasso entre o que o curso exige e a formação dos alunos seria uma justificativa para a prática da cola?

O aluno “cola” por que os objetivos, métodos e avaliação das escolas e universidades estão inadequados a atual conjuntura educacional? Ou essa prática está associada a um traço cultural do brasileiro: a falta de valorização do conhecimento?

Ainda, é possível buscar uma relação dessa prática com o “jeitinho brasileiro”, em sua variante mais danosa que compreende a necessidade de simular, de tirar vantagem, de ser “esperto”. E não estaria essa prática relacionada com a corrupção ou crise ética?

Acrescenta-se aos fatores apontados, o fato de, entre as mudanças forjadas pela sociedade do conhecimento, estar a grande demanda por formação e titulação para o desempenho da vida profissional. Várias profissões exigem habilidades de leitura e alfabetização digital. Cursar ou possuir o diploma de curso superior também tornou-se requisito para adentrar ao mercado de trabalho. Sendo assim e com frágil formação nos níveis precedentes, o estudante pode sentir-se necessidade de burlar/fraudar as avaliações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mudanças no cotidiano das pessoas engendradas pela sociedade do conhecimento têm impactado a educação. Desde a necessidade de formação e titulação para se inserir no mercado de trabalho até a forma de se pensar o papel da universidade. Novas questões se colocam em relação à valorização do conhecimento como gerador de riqueza; à interação da universidade com a sociedade e o mercado de trabalho; à mídia como um fator de confronto com as formas tradicionais de se pensar a prática educativa; à cultura de nosso povo e à cultura organizacional dos estabelecimentos de ensino. Para



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

se adaptar e responder as questões delineadas a partir das mudanças, faz-se necessário, entre outras, rever as formas de se planejar e de se avaliar.

### REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Trabalho, Educação e Prática Social: Por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 163-216

BENTES, Ivana. A Universidade concorre com a mídia. IN: CARVALHO, Antonio P. de. *A crise na universidade*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 111 pág.

CORTELLA, Mario Sergio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 2ª ed.. São Paulo: Editora Cortez, 1999. 166 pág. (Coleção prospectiva, 5)

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na Universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Revista Brasileira de Educação*. Vol 11, no. 32, Rio de Janeiro. Mai/Ago 2006.

DEAL, T. E.; KENNEDY, A. A. *Corporate cultures: the rites and rituals of corporate life*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1982.

DRUCKER, Peter. *As Novas Realidades*. São Paulo: Editora Pioneira, 1993. 239 pág.

ECKSTEIN, Max A. Combating academic fraud towards a culture of integrity. Paris: International Institute of Educational Planning/UNESCO, 2003.

FREITAS, Maria Esther de. *Cultura Organizacional: formação, tipologias e impactos*. São Paulo: Macron, M-Hill, 1991. 140 pág.

GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

MARCOVITCH, Jacques. Universidade pública: um modelo em debate. IN: CARVALHO, Antonio P. de. *A crise na universidade*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.  
MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil - a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Paulo M. C. de. Estamos avaliando bem os candidatos à docência do ensino superior? *Revista Brasileira de Ensino de Física*. Vol.26, no. 3, São Paulo, 2004.  
PERRENOUD, Philippe. *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993. 207 pág. (Temas de Educação, 3)  
PIMENTA, Maria A. A.. *As Mídias na Escola: Comunicação e Aprendizado*. 1995. 111f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Gestão, Cultura Organizacional e Mudança na Escola*. 154f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Ética e a Formação de Professores: uma reflexão sobre a cola, *Revista Educação & Cidadania*, Campinas – SP, Editora Átomo, vol 7, no. 1, 2008.

ROMANO, Roberto. Universidade: entre as Luzes e nossos dias. IN: CARVALHO, Antonio P. de. *A crise na universidade*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

SANTOS, Carlos R. A. dos. Universidade: da crise à emancipação. IN: CARVALHO, Antonio P. de. *A crise na universidade*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

SILVA, Gabriela A. da et al. *Um estudo sobre a prática da cola entre universitários*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

TARDY, Michel. *O Professor e as Imagens*. São Paulo: Cultrix, 1976.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

### **Maria Alzira de Almeida Pimenta**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1986), mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (1995) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atualmente é professora do mestrado em educação da Universidade de Uberaba (MG). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão; comunicação; cultura organizacional; e administração. Atualmente, realiza pesquisa sobre fraude em avaliações e plágio no ensino superior.

